

Tempos da Casa Grande: as primeiras críticas à obra inaugural de Gilberto Freyre¹

Casa Grande times: the first criticism to the Gilberto Freyre's inaugural work

Helga Gahyva²

RESUMO: O presente artigo busca mapear o debate suscitado pela obra de Freyre em sua época. O esforço explica-se pela notoriedade adquirida, na segunda metade do século XX, por certa interpretação de seu pensamento. Refiro-me aos trabalhos de O. Ianni, F. Fernandes e C. G. Mota. Apesar da pertinência das críticas destes autores às opções políticas de Freyre, elas dificultam a percepção das inovações por ele trazidas em seu estudo sobre formação nacional brasileira, ensejando visões que as reduzem a uma deliberada estratégia política conservadora. O objetivo do trabalho é resgatar a tônica das principais críticas dirigidas a *Casa Grande & Senzala* quando de seu surgimento, de modo a contrastá-las com a visão “uspiana” tornada doravante canônica.

ABSTRACT: This article attempts to map the discussion raised by Freyre's work at his time. The effort makes sense by the notoriety achieved, in the second half of the 20th century, for a certain interpretation of his thoughts. I refer to the O. Ianni, F. Fernandes and C. G. Mota works. Despite the pertinence of the criticism of these authors to Freyre's political options, they difficult the perception of the innovations brought by him on his study on Brazilian national formation, giving rise to the views which reduce them to a deliberated conservative political strategy. The aim of this work is to rescue the tonic of the main criticisms addressed to *Casa Grande & Senzala* when its emergence, contrasting them with the “uspian” view turned into canonical.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento social brasileiro. Geração de 1930. Identidade nacional.
KEYWORDS: Brazilian social thinking. Generation 1930. National identity.

I. INTRODUÇÃO

Muito já se disse sobre o impacto suscitado pelo lançamento, em 1933,

1 O presente texto foi apresentado na mesa “Intelectuais, vida pública e o pensamento social brasileiro”, realizada em 22 de setembro de 2010 no auditório do Centreinar/UFV, durante as atividades da 1ª Semana Acadêmica de Ciências Sociais da UFV – “Ciências Sociais e vida pública”. Participaram do debate os professores Diogo Tourino de Sousa (DCS/UFV) e Marcelo José Oliveira (DCS/UFV).

2 Professora Adjunta do Departamento de Sociologia do IFCS/UFRJ. Email: gahyva@superig.com.br

de *Casa Grande & Senzala*. Tomemos como exemplo o célebre prefácio de Antônio Cândido a *Raízes do Brasil*, publicado em 1967. Neste texto, o crítico paulista chama a atenção para o sopro renovador então proporcionado por aquela tríade de interpretações do Brasil surgida nos anos 1930: o estudo de Sérgio Buarque de Holanda, *Formação do Brasil Contemporâneo*³, de Caio Prado Jr., e a análise freyriana da formação da sociedade patriarcal brasileira. Em um contexto de radicalização política marcado, à direita, pela ascensão de doutrinas fascistas, essas três obras forneceram, segundo ele, importante arsenal teórico para aqueles jovens intelectuais que se propunham a pensar a formação e os rumos da sociedade brasileira a partir de uma perspectiva identificada com os valores progressistas. Em outras palavras, elas ofereciam elementos que permitiam elaborações de visões relativas à realidade nacional sob o ponto de vista à esquerda do espectro ideológico.

O depoimento de Cândido, entretanto, está longe de ser consensual — como ele próprio assinala, referindo-se especificamente a Freyre: “O jovem leitor de hoje não poderá talvez compreender, sobretudo em face dos rumos tomados posteriormente pelo seu autor, a força revolucionária, o impacto libertador que teve este grande livro” (MELLO E SOUZA, 1995, p. 9-10). Mas se o repúdio ao sociólogo pernambucano foi severamente recrudescido em função de seu apoio explícito à ditadura militar instaurada no país a partir de 1964, as críticas às ideias elaboradas em *Casa Grande & Senzala* antecederam a ascensão do regime autoritário no país. Ainda nos anos 1950, Dante Moreira Leite elaborou interpretação sobre a obra que, deslocando para segundo plano seu “intuito anticonvencional” (MELLO E SOUZA, 1995, p. 9), a identificava com a defesa da permanência de certos elementos conservadores na realidade nacional. Florestan Fernandes, em *A integração do negro na sociedade de classes* (1965), Octávio Ianni, com *Escravidão e racismo* (1977), e Carlos Guilherme Mota, em *Ideologia da Cultura Brasileira* (1977) cristalizaram, nas décadas seguintes, uma sugestão já presente em *O caráter nacional brasileiro* (1954).

Utilizando-nos das palavras de Moreira Leite, podemos generalizar e afirmar que, igualmente para aqueles outros três autores, *Casa Grande & Senzala* “é um livro que, ostensivamente apresentado como de história ou de interpretação geral do Brasil, vale provavelmente como reconstrução literária” (MOREIRA LEITE, 2002, p. 358, grifos nossos). A ausência de dados quantitativos e de provas, aliada a uma “história anedótica”, “escrita e interpretada do ponto de vista da classe dominante” (MOREIRA LEITE, 2002, p. 371), teria dado ensejo a “uma obra (...) profundamente reveladora (...) dos preconceitos mais conservadores e mais arraigados na classe dominante brasileira” (MOREIRA LEITE, 2002, p. 371-372). Consequentemente,

3 O livro de Prado Jr., apesar de publicado em 1942, pode — e deve —, como afirma Cândido, ser inserido no mesmo movimento de renovação intelectual, iniciado nos anos 1930, que também nos legou *Raízes do Brasil* e *Casa Grande & Senzala*. Lembremos que *Formação do Brasil Colonial* foi antecedida por outra obra do mesmo autor, *Evolução política do Brasil*, considerada “(...) a primeira tentativa de síntese de nossa história baseada no marxismo” (MELLO E SOUZA, 1995, p. 11).

assegura-nos Moreira Leite, “Freyre é hoje, pelo menos no Brasil, um intelectual de direita, aceito pelos grupos no poder, mas não pelos jovens intelectuais” (MOREIRA LEITE, 2002, p. 359-360).

Trata-se, portanto, de dupla crítica: de um lado, o incremento do ensino universitário trazia consigo novos padrões de pesquisa que, tentando se adequar às exigências científicas, rechaçava a obra inaugural de Freyre em função de alegado “primado do subjetivismo” (MOREIRA LEITE, 2002, p. 360) que lhe conferiria “traço pouco acadêmico” (MOTA, 1977, p. 56). De outro, a atmosfera de polarização ideológica possibilitava nova e oposta interpretação para aquela obra que outrora seduzia os jovens progressistas: desta feita, representativos intelectuais vinculados à esquerda – e, portanto, ao combate à ditadura militar – reduziram *Casa Grande & Senzala* à “expressão de um estamento dominante”, produto de uma “visão senhorial do mundo” (MOTA, 1977, p. 54). As duas críticas se complementam: mesmo as qualidades literárias, tão destacadas, como se verá mais abaixo, pelos seus primeiros críticos, são compreendidas como sintoma de seu viés conservador, tal como conclui Mota: “O eruditismo e o bem escrever constituem o revestimento do ensaísmo social característico dos filhos das oligarquias regionais” (MOTA, 1977, p. 59).

Não cabe aos objetivos do presente artigo denunciar os vínculos conservadores que rondam a perspectiva freyriana. Os estudos que mais recentemente se debruçaram sobre a obra do intelectual pernambucano têm, aliás, primado por um tom menos combativo e mais analítico, como revelam os trabalhos de Benzaquen de Araújo (2005), Rugai Bastos (2006, 2003), Pallares-Burke (2004) e Rodriguez Larreta e Guillermo Giucci (2007). Não se trata, evidentemente, de fechar os olhos para certas orientações políticas subjacentes a *Casa Grande & Senzala*, mas sim de evitar aquele maniqueísmo pouco elegante presente nas análises “uspianas” acima indicadas. Por um lado, parece-nos bastante pertinente a sugestão de Bastos quando, em tom bem mais ponderado, destaca, na obra de inaugural de Freyre, a indicação, segundo a qual

(...) os velhos setores da sociedade detêm uma sabedoria que lhes permite organizar a sociedade de modo a evitar rupturas que afetassem o equilíbrio social. Portanto, naquela ocasião – década de 30 –, os grupos tradicionais, momentaneamente alijados da direção política, deveriam estar presentes na nova configuração de poder. (BASTOS, 2004, p. 222-223).

Mas, por outro, incorporamos a recomendação de Falcão, que assinala a necessidade “de abrir mão da mecânica vinculação entre sujeito e objeto, autor e obra, militância política de 64 e interpretação social de 30, como *única* categoria explicativa da legitimidade ou cientificidade do pensamento social” (FALCÃO, 2001, p. 161, grifos nossos)

Ora, para além das intenções políticas originais de Freyre, sabemos que, ao se tornar pública, qualquer obra necessariamente se submete às díspares — ou não

— interpretações de seus leitores — como revela, aliás, o depoimento de Cândido. De modo que, mesmo se aceitarmos a opinião, segundo a qual “Obras como *Casa Grande & Senzala*, produzida por um filho da República Velha, indicam os esforços de compreensão da realidade brasileira realizados por uma elite aristocratizante que vinha perdendo o poder” (MOTA, 1977, p. 58), não devemos perder de vista que se trata de uma crítica produzida em momento deveras diverso daquele no qual surge a obra clássica de Freyre.

2. PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Quando nos voltamos à repercussão do livro em sua época, com o intuito de perceber quais questões ele suscitou em seus primeiros críticos, não podemos deixar de considerar que a maior parte da intelectualidade da Primeira República abstraía o papel da escravidão como elemento decisivo na formação nacional brasileira. Se a geração de 1870 atribuía centralidade ao tema do regime servil de trabalho, após a Abolição a categoria de raça adquiriu preeminência como fator determinante para a compreensão do desenvolvimento histórico do país. Tomemos como exemplo o célebre épico de Euclides da Cunha, *Os Sertões* (1902): trata-se de estudo no qual a larga incorporação da perspectiva racista é plenamente compatível com o silêncio quanto ao peso da herança histórico-escravocrata (BORGES, 2003, p. 206-211). Neste sentido, *Casa Grande & Senzala* teve o incontestável mérito de “voltar a reconhecer publicamente o que era reconhecido pela geração de 1870, pelos abolicionistas e pelos escravagistas na década de 1880” (BORGES, 2003, p. 222). Como percebeu um dos primeiros comentadores do livro, Freyre mostra que “a escravidão, longe de ser simplesmente uma mancha na formação brasileira, é uma das mais fortes bases da nossa organização social e política” (RABELLO, 1985, p. 139).

Outra característica marcante do ambiente intelectual da Primeira República era a polarização entre aqueles que apontavam para a inevitável degeneração de uma nação miscigenada e os que viam no “branqueamento” a otimista possibilidade de ingresso do país no concerto das nações civilizadas. Em comum entre as duas correntes, o postulado da superioridade branca. Ora, como nota Araújo, ao incorporar a distinção boasiana entre raça e cultura, Freyre inaugura uma terceira posição que enseja a construção de uma identidade nacional positiva, fornecendo um passado que não condena o país a apenas se realizar no futuro (ARAÚJO, 2005, p. 26-28).

É o que nos revela uma análise detida da coletânea *Casa Grande & Senzala* e a crítica brasileira de 1933 a 1944, editada em função do cinquentenário da publicação da obra inaugural de Freyre. Nesta publicação, que reúne as críticas assinadas ao livro surgidas na imprensa brasileira entre os citados anos⁴ – ou seja, elas se referem às três primeiras edições do livro⁵ – encontramos apreciações que

4 A publicação conta com quarenta e quatro artigos. Trinta e um entre os anos de 1933 e 1938; treze entre 1942 e 1944.

5 Lembramos que, se a segunda edição, publicada em 1936, fora ampliada por Freyre, a terceira, de

corroboram a afirmação acima, tal como nos mostra, por exemplo, a crítica de Olívio Montenegro:

Porque a verdade é que vivíamos um pouco às tontas, ou pior que isto, em umas tantas incertezas amargas quanto à real natureza e legitimidade das nossas origens. E dentro dessa imagem um pouco embaciada e confusa do nosso passado nos tratávamos, com um desalentado pessimismo, de sub-raça. (MONTENEGRO, 1985, p. 93-94).

Ou, ainda, Cid Rebello Horta:

[Freyre] Rompeu decididamente com o mito das 'raças inferiores' e contestou aqueles que culpavam todos os distúrbios e fragilidades de nosso organismo nacional à má qualidade dos povoadores de nossa madrugada histórica. (HORTA, 1985, p. 221).

O reconhecimento de que o esforço intelectual de Freyre engendrara uma inédita possibilidade de positivação da identidade nacional foi prontamente reconhecido por boa parte de seus primeiros leitores. Ao valorizar a miscigenação, ele não apenas apontava para a contribuição singular das populações negras à formação social no país⁶; também os colonizadores portugueses viam-se reabilitados em face daqueles que associavam nosso “atraso” à ausência dos valores protestantes que teriam conduzido os primeiros colonos em Nova Inglaterra e/ou das características psico-físicas que tornariam os povos pretensamente arianos mais bem equipados para a ocupação do território americano. Afinal, se “O português sai do livro podemos dizer limpo da culpa no processo que adotou, por forças contingentes de meio e de necessidade, de fixação e de colonização” (RABELLO, 1985, p. 139-140), conclui-se que “falta razão aos que celebram a superioridade do colonizador loiro sobre o moreno, do anglo-saxônico sobre o lusitano” (BARRETO, 1985, p. 100). Até mesmo nossas populações autóctones, louvadas em verso e prova pelo indianismo romântico que vigorou em nosso país durante a maior parte do século XIX (SALLES, 1996; RICÚPERO, 2004), teriam sido menos desvalorizadas do que dignificadas pela versão de Freyre para a formação nacional. Pois, se é verdade que, por um lado “o Sr. Gilberto ri-se dos autênticos tetranetos de Cam que desejam passar por índios pegados a laço em nossas selvas” (GRIECO, 1985, p. 70), por outro “O autor revela-nos um índio muito diverso do histórico e sentimental dos nossos historiadores-poetas, revela-nos a sua contribuição enorme no espírito da nossa vida moral e social” (MONTENEGRO, 1985, p. 95).

Entretanto, para além do tema racial, a obra de Freyre instigou reflexões sobre vários outros aspectos de nossa formação nacional. Neste sentido, pretendemos mapear essas primeiras críticas com o objetivo de contrastá-las à visão “uspiana”

1938, foi editada à revelia de seu autor.

⁶ O tema da valorização do negro é o mais destacado pelos primeiros críticos de Casa-Grande & Senzala, aparecendo em treze comentários ao livro.

tornada doravante canônica. A esta tarefa subjazem reflexões sobre a construção da nossa memória intelectual realizada pelas gerações que, já formadas no âmbito do rigor acadêmico, mobilizaram os novos padrões de investigação científica na tentativa de desqualificar expoentes do pensamento social brasileiro que, por óbvias razões, a eles não aderiram.

A mesma obra que contribuiu para que Freyre fosse doravante reduzido “a um apologista de uma sociedade agrária reacionária que pouco mais fez que dar cobertura a um mundo profundamente desigual” (SKIDMORE, 2003, p. 42), foi percebida de modo bem mais ambíguo por seus primeiros comentadores. Para Eloy Pontes, não há dúvida, o sociólogo pernambucano carrega nas tintas ao atribuir papel extremamente positivo aos senhores de engenho:

[Freyre] Fala neles como os cronistas de antanho falavam em príncipes, fidalgos, nobres e gente de prol, escolhendo fórmulas solenes e impondo uma espécie de respeito e vassalagem a quem lê esses nomes sublinhados pela fortuna fácil, amassada à custa do trabalho escravo. (PONTES, 1985, p. 212).

Não se trata, entretanto, de opinião consensual. Outros críticos, ao contrário, destacam, nas páginas de *Casa-Grande & Senzala*, uma inédita valorização das camadas subalternas: ao “procurar o Brasil na cozinha, no eito, nas matas, nas ruas, nessas atividades anônimas que marcam tão decisivamente o caráter da nacionalidade” (CARNEIRO, 1985, p. 244), Freyre teria outorgado “cidadania a homens e mulheres, coisas e palavras consideradas então inferiores” (CORRÊA, 1985, p. 224)⁷. Neste esforço, ele teria, inclusive, trazido para o mundo da ciência e das letras o universo vocabular daquelas majorias até então silenciadas. Alguns críticos não o perdoaram por isso, lamentando o uso recorrente que fez Freyre de expressões “chula[s], impura[s] e anedótica[s]” (MELO FRANCO, 1985, p. 84) que “arranham ouvidos castos” (GRIECO, 1985, p. 67).

Contudo, mais recorrente do que a crítica foi o elogio à linguagem adotada por ele. Se meia dúzia de comentadores se revelaram incomodados, nove louvaram seu vocabulário anticonvencional (SODRÉ, 1985, p. 239). E foram igualmente nove aqueles que destacaram a rica união promovida por ele entre estilo literário e método científico. Neste ponto, aliás, é curioso notar que, se Mota critica a suposta ausência de rigor científico em *Casa-Grande & Senzala*, disfarçada pelos talentos estilísticos de seu autor, a maioria dos primeiros críticos da obra reconhece exatamente o oposto: a capacidade de Freyre em elaborar obra de ciência sem abrir mão dos méritos literários, ou, em outras palavras, “a faculdade de reunir ao rigor da história o encanto do romance” (REGO, 1985, p. 41). Há na coletânea aqui analisada, inclusive, artigo de Saul Borges Carneiro no qual ele se preocupa em justificar a concessão de um prêmio literário à obra de Freyre. Segundo ele, “basta ampliar o conceito

⁷ Opinião semelhante é compartilhada por Nelson Werneck Sodré.

de literatura e considerá-la simples sinônimo de expressão da vida intelectual (...) para perceber a sem-razão da estranheza” (CARNEIRO, 1985, p. 155).

Pode-se compreender a necessidade de tal justificativa quando se considera que, segundo Werneck Sodré, o livro “inaugurou uma nova época nos estudos científicos entre nós” (SODRÉ, 1985, p. 240), pois graças a ele “saímos, por assim dizer, do marco zero das pesquisas sociológicas, quer no terreno teórico, quer nos estudos de aplicação” (CARNEIRO, 1985, p. 243). Nesta renovação da sociologia (MARTINS, 1985, p. 271) provocada por Freyre sublinha-se a originalidade de suas fontes, prontamente reconhecida pelos críticos, que frisaram, sobretudo, seu recurso à “bibliografia vasta e moderna” (COUTINHO, 1985, p. 125), na qual se destaca a constante referência ao seu mestre, Franz

Boas, que é citado em dez críticas.

A despeito do reconhecimento da importância da obra, sete comentários apontaram suas limitações: repetições desnecessárias, incoerências, falta de unidade e gosto duvidoso por generalizações excessivas. *Casa-Grande & Senzala* fora também criticado por suposta ausência de conclusão. Segundo Grieco, “o livro acaba um tanto bruscamente” (GRIECO, 1985, p. 73), opinião compartilhada por João Ribeiro (RIBEIRO, 1985, p. 76-77) e mais outros quatro críticos, mas refutada peremptoriamente por Montenegro, que intitulou seu comentário “Não sei de livro que encerre mais conclusões” (MONTENEGRO, 1985, p. 93) — opinião corroborada por outros quatro intérpretes..

Se o objetivo deste artigo é contrastar as interpretações “uspianas” da obra inaugural de Freyre àquelas elaboradas quando de seu surgimento, faz-se importante ressaltar que a provavelmente mais famosa crítica que lhe faz Sérgio Buarque de Holanda fora reconhecida por parte⁸ dos primeiros leitores de *Casa-Grande & Senzala*. Em *Tentativas de Mitologia*, o historiador carioca radicado em São Paulo aponta para o fato de que Freyre tentaria extrapolar para o conjunto do território nacional um princípio organizador – o patriarcalismo – característico tão somente de parte do Nordeste (HOLANDA, 1979, p. 101-105). Opinião semelhante foi defendida, por exemplo, por Miguel Reale - “cumpre notar que falta ao escritor pernambucano um conhecimento direto do Brasil meridional, de São Paulo até os Pampas, o que o leva a estender a todo País certas observações válidas mais para o Norte ou o Nordeste” (REALE, 1985, p. 161) Para Luís Washington Vita - “Ocupando-se quase que exclusivamente com o Norte, despreza a paisagem social do Sul” (VITA, 1985, p. 283) — e outros cinco comentadores.

Dentre as quarenta e quatro críticas presentes na coletânea aqui apresentada, apenas uma considera *Casa-Grande & Senzala* desprovida de conotações políticas. Talvez orientado pelo que outro autor denominou “ponto de vista quase proustiano da casa” (LINS, 1985, p. 257), João Ribeiro interpretou o livro como obra

8 Não se trata, entretanto, de crítica unânime. Ver, p. ex., o artigo de Plínio Barreto na mesma coletânea (BARRETO, 1985).

de metapolítica: “Estudando o Brasil, sob os seus aspectos sociais, ele [Freyre] pouca ou nenhuma atenção presta aos políticos de quem quase nunca se serve e de quem nada quer aprender” (RIBEIRO, 1985, p. 76). Em direção oposta, cinco comentaristas destacaram seu viés político e, neste aspecto, aproximam-se daqueles críticos posteriores que, a exemplo de Moreira Leite, veem a obra de Freyre atravessada por motivações políticas. Mas as gerações divorciam-se quando se trata de atribuir conteúdo às orientações políticas do autor. Para um de seus primeiros leitores,

Casa Grande & Senzala aparece num momento em que o ar começa a cheirar mal de tanto serem exumadas, por um certo número de intelectuais atrasados, ideias já nas catacumbas há muito tempo. Por isso, ao seu valor de grande obra, o caráter profilático que assume lhe dá um inestimável poder de ação. (GUIMARÃES, 1985, p. 118).

Para outro, Freyre apresenta um retrato da formação do povo brasileiro no qual se destaca sua vocação democrática. O caráter nacional brasileiro fundamentar-se-ia, segundo ele, em um princípio de igualdade entre os homens que, fomentando paulatinamente as bases da democracia social, conduziria o país, mais tarde, à democracia política (LINS, 1985, p. 262-263).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, faz-se necessário apresentar mais dois outros elementos privilegiados pelos primeiros comentadores de *Casa-Grande & Senzala* que constituíram algumas das mais ferozes críticas a que fora submetido o livro. Em primeiro lugar, o recurso ao materialismo histórico, presente logo nas suas primeiras páginas (FREYRE, 2007, p. 32). É verdade que, para dois de seus intérpretes, trata-se de incorporação positiva. Alberto Passos Guimarães, por exemplo, alega que “Onde *Casa Grande & Senzala* baqueia, não aos olhos de um fanático, mas diante da crítica impiedosa da concepção materialista da história, é quando o autor quer afastar-se dessa concepção” (GUIMARÃES, 1985, p. 117). Saul Borges Carneiro, por sua vez, elogia o fato de Freyre, sem aderir integralmente ao materialismo, ter adotado desta perspectiva aquilo que ela possui “de mais sólido e definitivo” (CARNEIRO, 1985, p. 156). Para Miguel Reale, todavia, o sociólogo pernambucano peca por permitir-se influenciar por “filosofia claudicante e medíocre” (REALE, 1995, p. 162). Tal crítica, compartilhada por outros quatro intérpretes, levou ao menos um deles à conclusão deveras sugestiva: segundo Armando Más Leite, “O livro é uma premissa, uma premissa sorrateiramente posta, para o comunismo” (LEITE, 1995, p. 169).

Por mais que tal acusação possa causar estranhamento a espíritos formados na segunda metade do século XX, e, portanto, familiarizados com a interpretação “uspiana”, ela não constitui apenas peculiar opinião. Se aliada ao depoimento de Edson Nery da Fonseca, publicado em 2003 (FONSECA, 2003, p. 29-37), contribui para esclarecer a dimensão do impacto das críticas de Freyre à Companhia de Jesus, especialmente desabonadoras para parte significativa do clero do Recife nos anos 1930 e 1940. Suas reservas quanto à obra jesuítica, ancorada sobremaneira em seu

franciscanismo, foram ressaltadas por dez comentadores naquela coletânea. Destes, apenas Álvaro Lins reconhece, nas páginas de *Casa Grande & Senzala*, “ao contrário do que já se disse, simpatia pela obra missionária e social da Igreja” (LINS, 1985, p. 262). Os demais intérpretes, de modo mais ou menos reativo, censuram-lhe “o sectarismo e a falsidade dos pontos de vista (...) ao encarnar o fato espiritual” (LEITE, 1995, p. 169).

Dá a importância do já citado depoimento de Fonseca. Ele revela a pluralidade de sentidos conferida à obra de Freyre. Afinal, esta doravante peça do arsenal conservador do pensamento social brasileiro provocou, naquele período, feroz movimento de oposição por parte da Igreja católica, que, aliada aos usineiros, destacava o caráter imoral de um livro produzido pela pena de um intelectual comunista, Gilberto de Mello Freyre. Mas a batalha foi vencida pelo sociólogo: após a desastrosa experiência nazista, seu libelo miscigenacionista cala tais vozes dissonantes. A crítica demolidora viria, a partir de agora, dos inimigos de seus inimigos, pois “O esquerdista que assustava usineiros e padres passou a ser apontado como reacionário” (FONSECA, 2003, p. 36).

A título de conclusão, mas sem quaisquer pretensões definitivas para um breve artigo que se inscreve em projeto de mais amplo espectro, cumpre ressaltar as múltiplas possibilidades interpretativas ensejadas pela obra inaugural de Gilberto Freyre. Diacrônica e sincronicamente, *Casa Grande & Senzala* suscitou polêmicas, despertou paixões, inflamou arengas. Mas, sobretudo, impôs temas para a agenda de pesquisa da intelectualidade brasileira que permanecem fonte de inquietação para todos aqueles que se propõem a tentar entender o Brasil. Ao fim e ao cabo, talvez não seja impróprio caracterizar o pensamento de Freyre a partir da rica metáfora por meio da qual ele entendia nosso país: um luxo de antagonismos em equilíbrio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: “Casa Grande & Senzala” e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- BARRETO, Plínio. “Um dos ensaios mais sólidos e interessantes de sociologia brasileira”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- BASTOS, Elide Rugai de. *As criaturas de Prometeu: Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. São Paulo: Global, 2006.
- BORGES, Dain. “Como e por que a escravidão voltou à consciência nacional na década de 30”. In: KONINSKY, Ethel Volfzon; LEPINE, Claude & PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru: EDUSC, 2003.
- CARNEIRO, Edison. “Livro que inaugurou uma nova época”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- CARNEIRO, Saul Borges. “A ciência nova criada por Casa Grande & Senzala”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.

- CORRÊA, Roberto Alvim. “O Proust da Sociologia”. In: FONSECA, Edson Nery a. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- COUTINHO, Ruy. “O problema da nutrição no livro de Gilberto Freyre”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- FALCÃO, Joaquim. “A luta pelo trono: Gilberto Freyre versus USP”. In: ARAÚJO, R. M. & FALCÃO, J. (org.). *O imperador das ideias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era*. São Paulo: Ática, 1978, vol. 2.
- _____. *A integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca*. São Paulo: Ática, 1978, vol. 1.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o egípcio da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.
- GRIECO, Agripino. “Obra vigorosa de ciência e arte”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- GUIMARÃES, Alberto Passos. “Sentido poético de um livro bem documentado”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- HOLANDA, Sérgio. “Sociedade patriarcal”. In: *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- HORTA, Cid Rebello. “Renovador dos estudos brasileiros”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- IANNI, Octávio. *Escravidão e racismo*. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- LARRETA, Enrique Rodriguez & GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- LEITE, Armando Más. “Gilberto Freyre e a pedagogia dos jesuítas”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- LEITE, Dante Moreira de. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- LINS, Álvaro. “Livro de ciência e de literatura”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- MARTINS, Wilson. “Livro definitivo na vida intelectual do Brasil”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. “O significado de ‘Raízes do Brasil’”. In: BUARQUE DE HOLANDA, S. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

- MELO FRANCO, Afonso Arinos. “Uma obra rabelaisiana”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- MONTENEGRO, Olívio. “Não sei de livro que encerre mais conclusões”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- MOTA, Carlos Guilherme de. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977.
- PALLARES-BURKE, Maria Lucia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.
- PONTES, Eloy. “Uma prosa límpida e inquieta”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- RABELLO, Sylvio. “Grande e intenso livro que nunca terá leitores indiferentes”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- REALE, Miguel. “Um sociólogo naturalista”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- RIBEIRO, João. “Poderosa poesia e profunda metafísica de uma obra metapolítica”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- RICÚPERO, Bernardo. *O romantismo e a ideia de nação do Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SALLES, Ricardo. *Nostalgia imperial*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- SODRÉ, Nelson Werneck. “Descobridor de uma verdadeira visão do Brasil”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.
- SKIDMORE, Thomas. “Raízes de Gilberto Freyre”. In: KONINSKY, Ethel Volfzon; LEPINE, Claude & PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru: EDUSC, 2003.
- VITA, Luis Washington. “Uma obra de alto valor humano e científico”. In: FONSECA, Edson Nery da. (org.). *Casa Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1985.